



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE  
GULBENKIAN

## **LABIRINTOS**

Obras da Colecção do CAM

## **ROADS TO WHATEVER**

Works from the CAM Collection

## LABIRINTOS

Obras da Colecção do CAM

## ROADS TO WHATEVER

Works from the CAM Collection



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE  
GULBENKIAN

**30 Setembro > 17 Novembro 2011**

**September 30<sup>th</sup> > November 17<sup>th</sup> 2011**

Piso 01 do Edifício Central da Sede  
Central building – Temporary Exhibition Gallery

Curadoria | Curator: **Leonor Nazaré**

ROADS TO WHATEVER, título desta exposição, é também o nome do colóquio sobre saúde, desenvolvimento e bem-estar na adolescência, organizado pela Gulbenkian e a realizar nos dias 25 e 26 de Outubro de 2011.

Associada ao Fórum Saúde, a exposição propõe um espaço alternativo de reflexão: aquele que as obras de arte induzem e dinamizam, de um modo que é diferente do de qualquer outra actividade humana e lhe acrescenta, por isso, preciosas mais-valias.

O enigma do sentido a atribuir à existência e a forma como é perseguido ou abandonado na adolescência, os caminhos e o desnorte, a perturbação, a fantasia e o excesso ou os sinais de ancoragem pontuam tematicamente o percurso pelas obras aqui proposto. Questões como a da identidade, e a da sua determinação neurobiológica, cultural e psíquica, entendidas num âmbito alargado, definem também os quadros de referência da sua leitura.

The title for this exhibition is also the name of the colloquia on health, development and well-being in adolescence, organized by the Gulbenkian Foundation, to be held on 25<sup>th</sup> and 26<sup>th</sup> October, 2011.

Associated with the Health Forum, the exhibition offers an alternative space for reflection, induced and enabled by artworks, in a different manner from that of any other human activity, bringing upon it precious added values.

The enigma of the meanings attributable to existence and the manners in which they are searched for, or abandoned, during adolescence, the paths and aimlessness, the restlessness, the fantasy and excess, or the signs of anchoring are the themes that punctuate the journey through the artworks that is proposed here. Issues such identity and its neurobiological, cultural and psychological determination, interpreted within a wider scope, also define the reference points for this reading.

ANA JOTTA • BRUNO PACHECO • CRISTINA MATEUS • JOÃO ONOFRE • JOÃO PAULO FELICIANO • JOÃO PAULO SERAFIM • JOÃO PEDRO VALE • JULIÃO SARMENTO • NOÉ SENDAS • NUNO CERA • PAULA REGO • PETER BLAKE • RUI SANCHES • RUI VALÉRIO SÉRGIO POMBO • SUSANA ANÁGUA • SUSANNE THEMLITZ • TERESA MAGALHÃES



Teresa Magalhães. Sem Título | Untitled, 1971



## VIAGEM A PARTE INCERTA

“Are you safe when you are dreaming?” (Estás a salvo quando sonhas?)

Não sabemos se a inquietação da pergunta esculpida na bóia de sabão de **João Pedro Vale** visa o sono e a inconsciência do que nele se passa, ou o sonho acordado e a fragilidade das suas fronteiras abertas.

Esta é uma das obras que nos introduzem à estranheza de si e do mundo.

Também a metáfora do labirinto, dos caminhos, do desnorte e da retoma de direcções num percurso se torna inevitável numa constelação semântica como aquela que a obra convoca.

Na série *Trigémios Inofensivos*, como em quase todos os desenhos e fotografias de **Susanne Themlitz**, é o seu próprio rosto que é colocado em deriva morfológica: “um hipotético alter-ego à deriva entre o inconsciente lendário colectivo e o exorcismo das suas próprias fantasmagorias”. As fotografias *Panorama – Travel Urge* são documentos fotográficos das paisagens habitadas numa série de esculturas a que chamou *Paisagens Transportáveis / Strange things happen when you are abroad*, 1998 – ecrãs panorâmicos que nos obrigam a focalizar pequeníssimas figuras em lugares inóspitos, em planícies lunares e estranhas onde deambulam e procuram caminhos.

**Susana Anágua** realizou uma exposição no CAM em 2008 a que chamou justamente *Desnorte*. *Polar* era uma das três obras apresentadas.

A fluorescência de centenas de ponteiros num grande painel de bússolas que vemos na escuridão da sala e, sobretudo, a total inutilização da sua função pelos magnetes que os desviam e descontrolam por detrás do painel obrigam-nos a uma percepção física, concreta e exacerbada do fenómeno do magnetismo e do seu colapso.

O desequilíbrio não será, de uma forma geral, a quebra da polaridade? Da sua onnipresente função de complementaridade? Não poderá a desorientação humana ser lida à luz deste dado físico e estrutural muito elementar? “Perder o Norte” é uma das metáforas mais correntes para referir desorientação psíquica e existencial.

Vários trabalhos reforçam, na exposição, a ideia da procura e dos meandros indecisos ou momentaneamente angustiantes a que conduz. É o caso de imagens como a do corredor sem fim alcançável ou só vislumbrável como ponto de fuga e passagem solitária em *Smog #15* de **Nuno Cera**; ou da sequência de portas que se fecham continuamente no vídeo de **Cristina Mateus**, recusando a presença de um ateliê cujo estirador vazio insiste em assinalar a pausa ou a impossibilidade criativas.

Não serão alheias a essa ideia as fotografias de **João Paulo Serafim**, nas quais um pequeno foco de luz isola um pormenor de um postal, em geral uma figura humana. Mas neste caso, a tentativa de ver e de perceber é aguçada pela restrição, não propriamente frustrada (vemos sempre apenas uma pequena parte de qualquer realidade!) e torna-se extensiva ao próprio *medium* fotográfico, como proposta de auto-reflexividade.

O registo em vídeo de um grupo de “sem-abrigo”, feito em 1997-99, esteve na origem de um conjunto de esculturas em que *The Rest is Silence II* de **Noé Sendas** se inclui. Os manequins, talhados à escala do próprio artista, vestidos e calçados como pessoas reais, não mostram as mãos, escondidas nos bolsos, nem os rostos, tapados com o cabelo ou com um pano.

O mistério destas personagens só se esclarece parcialmente: conhecemos a sua condição gémea, as costas voltadas, a incomunicabilidade, o silêncio e a solidão de dois seres muito próximos. A cisão e a dualidade irresoluta são imagens poderosas daquilo que a adolescência

<sup>1</sup>Pergunta esculpida em relevo por João Pedro Vale na sua bóia de sabão azul e branco.

<sup>2</sup>Leonor Nazaré, “Susanne Themlitz”, in *CAMJAP, Roteiro da Coleção*. Lisboa: CAMJAP-FCG, 2004, p. 276.

pode representar. Angustiante, esta obra não é, no entanto, apenas hipótese de fechamento – ela pode ser também a consciência libertadora das opções em presença. Da sua difícil coexistência nasce por vezes a força de uma escolha.

A inconstância do crescimento e a multiplicidade desordenada de todas as possibilidades de um mundo por vir tornam atractivos a estridência e o caos, a velocidade e a festa dos sentidos. *Na Historia de la Musica Rock* (2002), de **Rui Valério**, a velocidade contemporânea é hiperbolizada sob a forma da colagem e passagem mais fugazes, quando 401 capas de discos vinil da história do *rock*, editados entre 1953 e 2001, são passadas cronologicamente em 48 segundos: os estímulos a uma percepção quase subliminar são dados pela sequência de imagens de três *frames* (ultra-rápidos), mas contrariados pelo efeito torrencial e amalgamado da sua veloz sobreposição, que simultaneamente apaga e satura.

Esta é uma das obras que nos remete literal, tanto quanto metaforicamente para o universo adolescente: para um legado cultural que lhe pertence e para uma estrutura e natureza de funcionamento com as quais se pode facilmente identificar.

Também o vídeo de **João Onofre** nos mergulha nos efeitos de uma cacofonia. *Instrumental Version* (2001) trabalha a questão de uma apropriação aparentemente inadequada de frases musicais electrónicas, por um coro de vozes, depois de transcritas para pauta normal. A música *The Robots*, do álbum *Man Machine* (Kraftwerk, 1978), sons de máquina tornados aqui humanos, é restituída na sua natureza desarmónica, sincopada e caótica. O grupo coral, jovem mas formal, sério mas transgressor, surge como um corte negro num espaço neutro, de onde emerge um rumor complexo e inquietante.

A pintura de **Paula Rego** representa outra forma de “ruído” e estridência visual, desordem em movimento na qual o grito e o susto, a gargalhada e a acrobacia, o destemor e a inconsciência, a dança, o vento e algumas figuras elásticas (fantasmas e palhaços, raparigas e seres andróginos e animalescos) se contagiam reciprocamente.

*The Vivian Girls as Windmills* faz parte da série de pinturas de Paula Rego intitulada *Vivian Girls*, datada de 1984, e inspirada em *The Realms of the Unreal*, de Henry Darger, uma narrativa de fantasia e medo, como aquelas que habitam muitas das personagens de Paula Rego.



A arte *pop* fez das imagens mais correntes no universo quotidiano, mediático, comercial e gráfico o seu material privilegiado. Atribuiu-lhes uma moldura, no sentido metafórico e muitas vezes literal. Em *Love Wall* (1961), **Peter Blake** utiliza a ideia criando molduras dentro duma moldura maior, trabalhada em madeira e tornada pesada e presente como uma peça de mobiliário.

O número “2”, pintado e em placa colada na zona esquerda, dá a tónica temática ao conjunto: o casal. Num dos postais do canto superior esquerdo representa-se um “barómetro do amor”: “*Fol amour / Amour Ardent / Amour joyeux / Amour timide / Indifférence*” é a gradação prevista para a medição da intensidade do amor. Ou, se se quiser, é a gradação que mede a temperatura daquilo que vai do cândido postal de aniversário àquele em que se lê “*join me if you want to have the time of your life*”.

É dentro da herança *pop* que devem ser lidos os dois trabalhos de **Teresa Magalhães**: o casal que avança confiante e a mãe que empurra o carrinho do seu bebé e que vemos à nossa frente como demiurgos que observam uma parcela de anonimato na multidão. A matriz familiar e amorosa subjacente é veiculada através de uma imagem de modernidade e de leveza que a forma de vestir e a agilidade dos corpos sinalizam.

Essa é também a tonalidade conferida por **Bruno Pacheco** ao conjunto dos seus desenhos, intitulados *Whatever* (2003-2004), em coincidência feliz com o nome desta exposição, numa diversidade de captações instantâneas muito eclética, luminosa e dinâmica: jovens, roupas, fetiches corporais, desportos, festas, animais, anjos, raparigas... Mas só ilusoriamente podem parecer transportar a frescura de um olhar cativado pelo real. Na verdade, sendo realizados a partir de imagens recolhidas nos *media*, os desenhos dependem em grande parte duma intermediação reprodutiva que torna quase desapaixonada a sua compilação cumulativa, apesar das circunscrições temáticas detectáveis.

Na época em que Teresa Magalhães faz as figuras recortadas, e em que muitos artistas portugueses exprimem uma espécie de neo-figuração de inspiração *pop*, **Sérgio Pombo** realiza as suas figuras femininas (na água e na praia) e a figura esculpida que apresenta fragmentada em quatro pedaços (rosto, ventre, joelhos e pés), objectos parciais facilmente associáveis às narrativas de fetiche e sedução.

O toalheiro de **Ana Jotta** (e estamos agora nos anos 90) continua a manter-nos nessa área em que as trivialidades do vocabulário gestual quotidiano são transformadas em apelos à nossa desatenção. Neste caso, a descoberta infantil da diferença sexual, protagonizada por dois ratinhos, como se de um filme de animação se tratasse, é bordada na toalha de pano azul em séries que se sucedem ao ritmo imaginário de cada puxada do rolo. Irrisão na malícia e opção lúdica na marcação de eventos, seja qual for a sua importância relativa, são processos que lhe são habituais na construção de um trabalho que se surpreende a si mesmo em constantes desvios e assumidos caprichos.

A questão central da sexualidade na adolescência encontra na exposição momentos de ressonância no conjunto de obras de inspiração *pop*, no painel de desenhos de Bruno Pacheco, mas ainda com força particular nos trabalhos de **Julião Sarmiento**, frequentemente percorridos pelo impulso latente da tensão sexual, física e psíquica. Julião trabalha a distância entre as pessoas, as palavras, as imagens e as repetições. O corpo caído, entrevisto, parcialmente descoberto, desejante, fantasmático é submetido a auto-exames e interacção.

Numa projecção de **João Paulo Feliciano**, um cérebro contrai-se em palavras que nos pedem para pensar na dor de respirar.

As circunvalações cerebrais são facilmente recuperáveis em metáforas construídas em torno da ideia de labirinto; nelas se perdem e multiplicam caminhos, abismos, saltos quânticos em diferentes níveis de realidade, memórias, projecções, faculdades, sensações, pensamentos... E procura de identidade.

Associada à dor de respirar (literal? Evocativa da dor de viver?), à expressão facial e à própria linguagem, a “pulsção” cerebral figura, nesta obra, a verdadeira centralidade nevrálgica desse processamento vital a que nos obrigam todos os obstáculos.

A obra de **Rui Sanches** configura a dinâmica interna de cabeças que se desestruturam ou reestruturam, que têm falhas espaciais, camadas, acumulação, desvio, rotação potencial. O seu desacerto indicia a procura de azimuth que de várias formas nos tem perseguido nesta exposição.

Lisboa, 9 de Maio de 2011, Leonor Nazaré

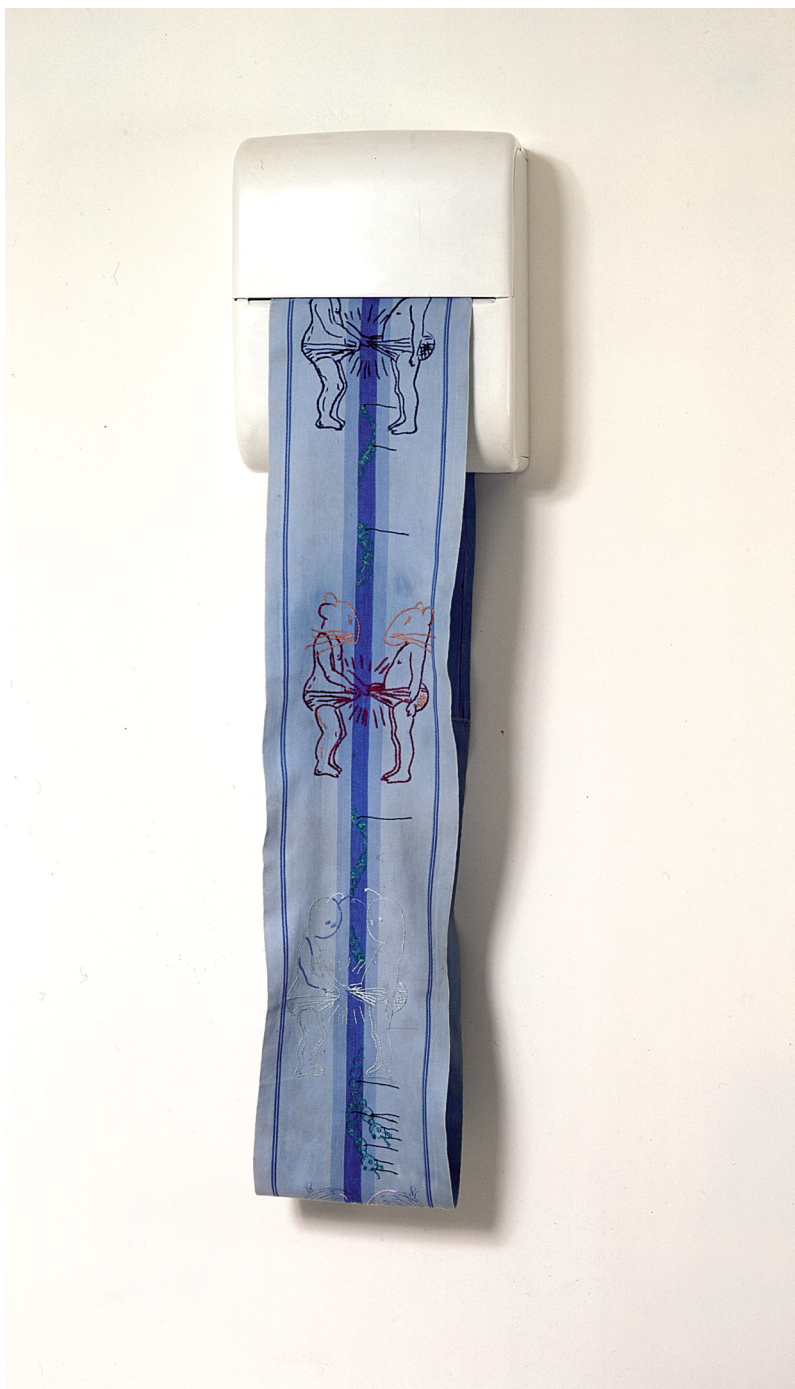


Noé Sendas, *The Rest is Silence II*, 2003

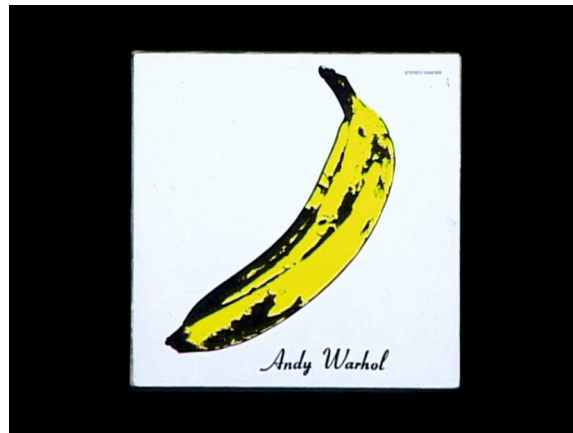




Julião Sarmiento, *Febre (16)*, 1994-95



Ana Jotta, *Roger*, 1995

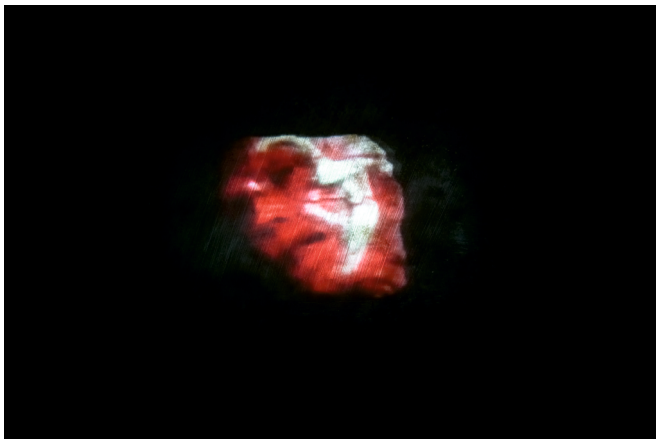
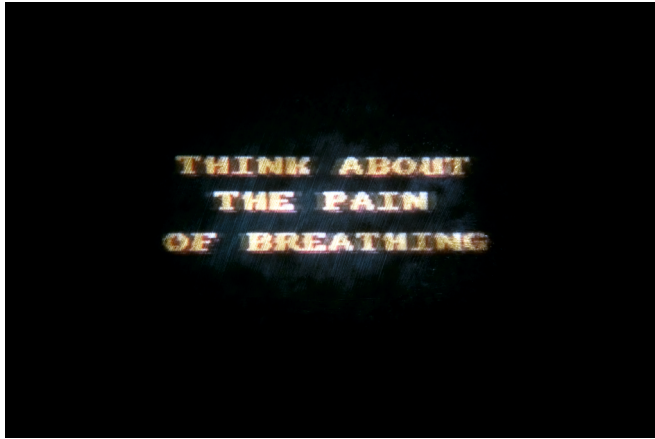


Rui Valério, *Historia de la Musica Rock*, 2002 (still)





Paula Rego, *The Vivian Girls as Windmills*, 1984



João Paulo Feliciano, *Think About the Pain of Breathing*, 1992





Susanne Thémilitz, nº 2 da obra | nº 2 from *Trigêmeos Inofensivos*, 2001



**Sérgio Pombo, Sem Título (Joelhos) | Untitled (Knees), 1973**



Bruno Pacheco, da série | from the series *Whatever - Legs*, 2003-04

## JOURNEY TO AN UNKNOWN DESTINY

Are you safe when you are dreaming?"

We ignore if the disquiet suggested by this question regards sleep and the unconsciousness in which it takes place or daydreaming and the fragility of its open borders.

This is one of the artworks that introduce us to the concepts of alienation from one's self and from the world in this exhibition.

The metaphor for labyrinth, for pathways, lack of direction and finding direction along a journey are inevitable in a semantic constellation such as the one evoked here.

In **Susanne Themlitz's** *Harmless Triplets* series, as in almost all of the artist's drawings and photographs, it is her own face that is left in a morphological wandering: "a hypothetical alter ego drifting between the collective legend-based unconscious and the exorcism of its own phantasmagorias". The *Panorama – Travel Urge* photographs are photographic documents of landscapes inhabited by a series of sculptures that she called *Paisagens Transportáveis / Strange things happen when you are abroad*, 1998 - wide screens that force us to focus on very small figures in inhospitable places, in strange, lunar plains where they roam and search for paths.

**Susana Anágua** held an exhibition at CAM in 2008 that she aptly called *Desnorte*. *Polar* was one of the three artworks featured there.

The fluorescence of hundreds of compass pointers against the room's darkness, and, most importantly, the fact that its function is rendered useless by the magnets behind the panel deviating and deregulating the pointers, force us into a physical, concrete and exacerbated perception of the phenomenon of magnetism and of its collapse.

Generally speaking, is unbalance not a rupture in polarity? A rupture of its omnipresent complementary function? Can we not approach human disorientation through this highly elementary physical and structural element? In Portuguese, "losing one's north" is one of the most used metaphors in expressing psychological and existential disorientation.

Throughout the exhibition, several artworks reinforce the idea of search, and of the indecisive meanders or momentarily anguish which this process of searching induces. It is the case of images such as that of the endless corridor, whose end is out of reach or only seen as a vanishing point and solitary passage in **Nuno Cera's** *Smog #15*; or of the sequence of continuously shutting doors in Cristina Mateus's video, which refuses the presence of a studio whose empty drawing table insists in pointing our creative pause or impossibility.

**João Paulo Serafim's** photographs also fit into this idea, featuring a small light source isolating a postcard detail, usually of a human figure. However, in this case, the desire to see and to understand is reinforced by restriction, not necessarily frustrated, since we always see a small part of any given reality, and applies to photographic media as a whole, as a proposal of self-reflexivity.

The video document of a group of homeless people, made during 1997/99, is at the origin of a set of sculptures which includes **Noé Sendas's** *The Rest is Silence II*. The mannequins, fashioned at the scale of the artist himself, dressed as real people, never show their hands, hidden in their pockets, or their faces, covered with hair or a cloth.

The mystery of these characters is only partially clarified: we become aware of their twinned condition, their turned backs, the incommunicability, the silence and solitude of two beings that are very close. Irresolute division and duality are powerful images of what adolescence

<sup>1</sup>Sculpted question on João Pedro Vale's blue and white soap buoy.

<sup>2</sup>Leonor Nazaré, "Susanne Themlitz", in *CAMJAP, Guide to the Collection*. Lisbon: CAMJAP-FCG, 2004, p. 276.



may represent. While anguishing, this work is not only a hypothesis of enclosure – though it can also be the liberating conscience of the options presented. Sometimes, from difficult coexistence, the strength of a choice is born.

The inconstancy of growing up and the disordered multiplicity of all the possibilities of a world yet to come render stridency and chaos, as well as speed and the celebration of the senses, attractive.

In **Rui Valério's** *Historia de la Música Rock*, 2002, contemporary speed is hyperbolised in the form of a more fleeting collage and transformation when 401 vinyl disc sleeves from the history of Rock and Roll, edited between 1953 and 2001, are shown chronologically in 48 seconds: the stimuli of an almost subliminal perception are given by the sequence of the three frame images (extremely fast) but contradicted by the torrential and amalgamated effect of its speedy superposition which simultaneously erases and saturates.

This is one of the artworks that literally and metaphorically send us back to an adolescent universe: to a cultural legacy and to a working structure and nature with which it can easily be identified.

**João Onofre's** video also plunges us in the effects of a cacophony. *Instrumental Version* (2001) questions an apparently inadequate appropriation of electronic musical sentences, by a choir of voices, after its transcription into a normal musical notation. The range of machine sounds of the musical theme *The Robots*, from the album *Man Machine* (Kraftwerk, 1978), is made human here, and simultaneously restored to its disharmonic, hacked and chaotic nature. The choir, young but formal, serious yet transgressing, appears as a black cutting on a neutral ground, from which a complex and disquieting rumour emerges.

**Paula Rego's** painting represents another form of “noise” and visual stridency, disorder in movement, in which screaming and fright, laughter and acrobatics, fearlessness and unconsciousness, dance, wind and some elastic figures (ghosts and clowns, girls and androgenic and animalesque beings) mutually contaminate each other.

*The Vivian Girls as Windmills* forms part of Paula Rego's series of paintings entitled *Vivian Girls*, dated 1984, and inspired by *The Realms of the Unreal*, by Henry Darger, a narrative of fantasy and fear, as are many of those inhabited by Paula Rego's characters.



Pop art took the most common images from the everyday, media, commercial, and graphic design universes and made them its privileged material. It granted them a frame, in the metaphorical and often literal sense. In *Love Wall* (1961), **Peter Blake** uses this idea by creating frames within a larger frame, made of wood and made as heavy and present as a piece of furniture.

The painted number 2, on a plate glued to the left zone, provides the thematic tonic of the set: the couple. On one of the postcards in the upper left-hand corner there is a representation of the “love barometer”: *Fol amour/Amour Ardent/ Amour joyeux/ Amour timide / Indifférence* is the grading measure for the intensity of love. Or, if we wish, the gradation that measures the temperature of what goes from the naive postcard to the birthday card that reads *join me if you want to have the time of your life*.

It is within the *pop* heritage that the two works by **Teresa Magalhães** should be read: the couple confidently walking and the mother pushing the baby pram that we see before us as demiurges who observe a portion of anonymity in the crowd. The family and love matrix is conveyed through an image of modernity and lightness marked by the dress and agility of the bodies.



This is also the tonality conferred by **Bruno Pacheco** to his drawings, entitled *Whatever* (from 2003-2004), a happy coincidence with the title of this exhibition, in an eclectic, luminous and dynamic diversity of snapshots: youths, clothes, body fetishes, sports, parties, animals, angels, girls... But their freshness of a gaze captivated by reality is an illusion. In fact, they are created from images gathered from the media, and depend in a large part from a reproductive intermediation that renders this cumulative compilation almost dispassionate, in spite of the thematic circumscriptions detected here.

During the period when Teresa Magalhães made her cutout figures, and when many Portuguese artists express some sort of pop inspired neo-figuration, **Sérgio Pombo** creates his feminine figures (in the water and at the beach), as well as the sculpted figure he presents in four separate pieces (face, stomach, knees and feet), partial objects easily associated with narratives of fetish and seduction.

**Ana Jotta's** towel rack (and we are now in the 1990's) keeps us in this area in which the trivia of everyday gestures are transformed into appeals to our lack of attention. In this case, the child's discovery of sexual difference, embodied by two small mice, suggesting an animated movie, is embroidered in the blue cloth towel in series that suggest the imaginary rhythm of each pull on the piece. Its malicious derision and playful option in the marking of events, whatever their relative importance, are processes that are usual in the construction of an artwork that surprises itself in constant detours and in proclaimed whims.

The central issue of sexuality in adolescence, indicated in the burlesque content of this artwork finds other moments of resonance in this exhibition, whether in Pop-inspired artworks, or in the drawings by Bruno Pacheco; or, with greater strength, in **Julião Sarmiento's** works, often marked by the latent impulse of sexual, physical and psychic tension. Julião works on the distance between people, words, images and repetitions. The fallen, barely seen, partially uncovered, desiring, ghostlike body is subjected to self-examinations and interaction.

In a projection by **João Paulo Feliciano**, a brain contracts itself into words that ask us to think about the pain of breathing.

Cerebral beltways are easily recoverable in metaphors constructed around the idea of labyrinth; from them, paths, abysses, quantum leaps are lost and multiply themselves, in different levels of reality, memories, projections, faculties, sensations, thoughts... And search of identity.

Associated with the pain of breathing (literal? Evocative of the pain of living?), with facial expression and with language itself, the cerebral "pulse" appears, in this work, as the true nerve centre of the vital processing demanded of us by obstacles.

**Rui Sanches's** work configures the internal dynamic of de-structuring or restructuring heads, with spatial flaws, layers, accumulation, detours, potential rotation. Their disharmony indicates the search for an azimuth that, in many ways, has pursued us throughout this exhibition.

Lisbon, May 9<sup>th</sup>, 2011, Leonor Nazaré



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE  
GULBENKIAN

## CAM

Directora  
Director  
**Isabel Carlos**

Curadoria e Gestão da Coleção  
Curatorship and Collection Management  
**Ana Vasconcelos e Melo**  
**Leonor Nazaré**  
**Patrícia Rosas**  
**Rita Fabiana**

Arquitectura, Montagem e Grafismo  
Architecture, Installation and Design  
**Cristina Sena da Fonseca**  
**Paulo Santos**  
**Pedro Leitão**

Produção  
Production  
**Ana Gomes da Silva**  
**Rita Lopes Ferreira**

Arquivo Fotográfico  
Photography Archive  
**Paulo Costa**  
**Teresa Cartaxo**

Controlo de Gestão  
Accounting  
**Ivone Santos**  
**Luís Gil**

Apoio Administrativo  
Administrative Support  
**Ivone Massapina Pinto**  
**Rosário Lourenço**

Museografia  
Museography  
**Carlos Catarino**  
**Carlos Gonçalves**  
**José Nunes de Oliveira**

Educação Artística  
Arts Education  
**Fátima Menezes**  
**Margarida Ramos Vieira**  
**Susana Gomes da Silva**

[www.cam.gulbenkian.pt](http://www.cam.gulbenkian.pt)

### CAM

Rua Dr. Nicolau Bettencourt, 1050-078, Lisboa | Tel. 21 782 34 74  
De terça a domingo das 10 às 18 horas

Rua Dr. Nicolau Bettencourt, 1050-078, Lisbon | Phone: 21 782 34 74  
Tuesdays through Sundays 10 am – 6 pm

### VISITAS

**Domingos com Arte**  
**16 e 23 de Outubro, 6 de Novembro (domingo) às 12h00**  
por Rita Corte Ferreira

**Encontros ao Fim da Tarde**  
**14 de Outubro (sexta-feira) às 17h00**  
por Leonor Nazaré, Rui Sanches, João Paulo Feliciano,  
Rui Valério e Noé Sendas  
**4 de Novembro (sexta-feira) às 17h00**  
por Leonor Nazaré, Susana Anágua, João Paulo Serafim,  
João Onofre, João Pedro Vale, Cristina Mateus e Nuno Cera

**Uma obra de arte à hora de almoço**  
**21 de Outubro (sexta-feira) às 13h15**  
*The rest is silence II* de Noé Sendas  
por Rita Corte Ferreira

**4 de Novembro (sexta-feira) às 13h15**  
*Think about the pain of breathing* de João Paulo Feliciano  
por Rita Corte Ferreira

### OFICINAS

**Vê este som!**  
Oficina multimédia para jovens  
**8 de Outubro** (Especial Famílias), **22 de Outubro e**  
**29 de Outubro** (sábado)  
Concepção e orientação: Sofia Ponte e Tiago Pereira

**Visitas para escolas e grupos organizados,**  
**oficinas criativas para jovens e famílias**  
Marcações | Informações  
Descobrir – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura  
Tel. 21 782 3800  
[descobrir.marcacoes@gulbenkian.pt](mailto:descobrir.marcacoes@gulbenkian.pt)  
[www.descobrir.gulbenkian.pt](http://www.descobrir.gulbenkian.pt)

### CADERNO DO CAM | CAM BOOKLET

Coordenação | Coordinator  
**Leonor Nazaré**  
Revisão | Proofreading  
**Patrícia Rosas**  
Tradução | Translation  
**Inês Fialho Brandão**  
Design | Graphic Design  
**Pedro Leitão**  
Fotografia | Photography  
**Paulo Costa**  
Impressão | Printing

300 exemplares | copies  
Depósito legal | Legal deposit

ISBN: 978-972-635-245-7  
Setembro 2011 | September 2011



João Pedro Vale, *Are you safe when you are dreaming*, 2001

## PRÓXIMAS EXPOSIÇÕES UPCOMING EXHIBITIONS

**Doris Salcedo**

*Plegaria Muda*

*Silent Prayer*

11.11.2011 > 22.01.2012

***Paisagem na Coleção do CAM***

*Landscape in the CAM Collection*

11.11.2011 > 22.01.2012

VISITE A COLECÇÃO DO CAM EM  
EXPLORE CAM'S COLLECTION AT

[www.cam.gulbenkian.pt](http://www.cam.gulbenkian.pt)

CAM2011

■ Nuno Cera, *Smog #15*, 2000